

Ó castigos ingéritos, sangrento e inominável golpe
do infortúnio! Ai, lamentáveis e terríveis lutos!
Ai a dor irrefreável!

É no interior do Palácio, e não fora dele, vindo não
de estranhos, mas de quem o habita, que está o bálsamo
para estas feridas, através de uma luta funesta e sangrenta.
É para os deuses subterrâneos, este Hino!

Ouvi então esta súplica, ó abençoados deuses da terra,
e de boa vontade enviai a estas crianças o auxílio
que lhes garanta a vitória!

Ésquilo, *Os Portadores da Libação*

A morte é apenas uma travessia do mundo, como os amigos atravessam os mares. Continuam a viver uns nos outros, pois não podem deixar de estar presentes, para que amem e vivam no que é omnipresente. Neste espelho divino, vêem-se face a face e a sua conversa é livre, para além de pura. É este o consolo dos amigos: embora sejam mortais, a sua amizade e companhia estão todavia, no melhor dos sentidos, sempre presentes, porque imortais.

William Penn, *More Fruits of Solitude*

A ASCENSÃO DO SENHOR DAS TREVAS

Os dois homens apareceram vindos do nada, a escassos metros de distância na vereda estreita e iluminada pelo luar. Por breves instantes, deixaram-se ficar imóveis, as varinhas apontadas ao peito um do outro; depois, quando se reconheceram, guardaram-nas por baixo dos respectivos mantos e encaminharam-se rapidamente na mesma direcção.

— Trazes novidades? — perguntou o mais alto dos dois.

— Melhores não podiam ser — respondeu Severus Snape.

A vereda era ladeada à esquerda por silvas rasteiras e, à direita, por uma sebe alta e muito bem cuidada. Os mantos compridos dos homens flutuavam-lhes em volta dos tornozelos à medida que avançavam.

— Tive receio de chegar atrasado — disse Yaxley, as suas feições grosseiras aparecendo e desaparecendo à medida que os galhos sobranceiros das árvores escondiam o luar. — Foi um pouco mais difícil do que eu estava à espera, mas espero que ele fique satisfeito. Estás confiante de que vamos ser bem recebidos?

Snape assentiu com a cabeça, mas não se alongou. Viraram à direita, para um amplo acesso que ia desembocar na vereda. A curva da sebe alta acompanhou-os, estendendo-se para lá do imponente portão de ferro forjado que impedia a passagem dos homens. Nenhum deles interrompeu a marcha: em silêncio, elevaram o braço esquerdo à laia de saudação, e atravessaram-no de imediato como se o metal negro não passasse de fumo.

As sebes de teixo abafavam o ruído dos passos dos homens. Ouviram restolhar algures à sua direita: Yaxley empunhou novamente a varinha, apontando-a por cima da cabeça do companheiro; contudo, a origem do barulho revelou ser apenas um pavão de um branco imaculado, que se exhibia majestosamente pelo alto da sebe.

— O Lucius sempre se tratou bem. *Pavões...* — Yaxley tornou a guardar a varinha debaixo do manto com uma exclamação de desdém.

Uma bela casa senhorial surgiu da escuridão no final do acesso em linha recta, as luzes reluzindo nas vidraças em forma de losango do rés-do-chão. Algures no jardim envolto na escuridão por detrás da sebe, ouvia-se uma fonte a murmurar. A gravilha estalejava debaixo dos seus pés à medida que Snape e Yaxley se apressavam para a porta da frente, que se abriu completamente à sua aproximação, embora não se visse ninguém que a pudesse ter aberto.

O *hall* de entrada era amplo, mal iluminado e decorado com sumptuosidade, com um magnífico tapete que cobria grande parte do pavimento de pedra. Os olhos dos rostos pálidos dos retratos pendurados nas paredes seguiram Snape e Yaxley à sua passagem. Ambos se detiveram perante uma pesada porta de madeira que conduzia à sala contígua, hesitaram por um breve instante, e então Snape fez girar a maçaneta de bronze.

A sala de estar estava repleta de gente silenciosa, sentada a uma mesa comprida e adornada. O mobiliário habitual da sala havia sido descuidadamente encostado às paredes. A iluminação provinha do lume vivo duma bela lareira de mármore coroada por um espelho dourado. Snape e Yaxley deixaram-se ficar um momento à soleira. À medida que os seus olhos se habituavam à penumbra, foram atraídos para o alto, para o aspecto mais estranho do cenário: um vulto humano, aparentemente inconsciente, pendurado de cabeça para baixo por cima da mesa, girando lentamente como se estivesse suspenso de uma corda invisível, e que se reflectia no espelho e na superfície despida e polida da mesa. Nenhuma das pessoas sentadas por baixo desta estranha cena olhava para ele, à excepção de um jovem pálido que se encontrava praticamente por baixo. De quando em vez, parecia não resistir a deitar uma olhadela para cima.

— Yaxley, Snape — alertou uma voz alta e límpida à cabeceira da mesa. — Por pouco não chegavam atrasados.

O interlocutor achava-se sentado mesmo de frente para a lareira, de modo que, a princípio, os recém-chegados apenas lhe conseguiram distinguir a silhueta. Quando se aproximaram, porém, o seu rosto iluminou-se na penumbra, calvo, semelhante a uma serpente, com fendas no lugar das narinas e olhos vermelhos refulgentes com pupilas verticais. Era tão pálido que dava a impressão de emitir uma aura perlada.

— Severus, chega aqui — ordenou Voldemort, indicando uma cadeira imediatamente à sua direita. — Yaxley... ao lado do Dolohov.

Os dois homens ocuparam os respectivos lugares. A maior parte dos olhares em redor da mesa concentraram-se em Snape, e foi a ele que Voldemort começou por se dirigir.

— E então?

— Meu Senhor, a Ordem da Fénix pretende retirar o Harry Potter do seu presente esconderijo no próximo sábado, ao anoitecer.

O interesse em volta da mesa acicatou-se de forma palpável: alguns retesaram-se, outros remexeram-se nos assentos, todos de olhos fixos em Snape e Voldemort.

— Sábado... ao anoitecer — reiterou Voldemort. Os seus olhos vermelhos cravaram-se nos olhos negros de Snape com uma intensidade tal que alguns dos presentes viraram a cabeça, aparentemente receosos de que eles próprios fossem chamuscados pela ferocidade daquele olhar. Snape, porém, fitou calmamente o rosto de Voldemort e, ao fim de uns instantes, a boca desprovida de lábios de Voldemort curvou-se numa amostra de sorriso.

— Ótimo. Ótimo. E essa informação veio...

— Das fontes de que falámos — esclareceu Snape.

— Meu Senhor.

Yaxley debruçara-se para olhar para Voldemort e Snape, ao fundo da comprida mesa. Todos os rostos se voltaram para ele.

— Meu Senhor, a mim chegou-me outra informação.

Yaxley aguardou, mas Voldemort não disse nada e, assim, ele prosseguiu: — O Dawlish, o Auror, deixou escapar que o Potter só vai ser transferido na noite do dia trinta, na véspera de completar dezassete anos.

Snape sorria.

— A minha fonte afiançou-me que existem planos para lançar uma pista falsa; deve ser esse o caso. O Dawlish deve ter sido seguramente vítima de um Encantamento Confundus. Não seria a primeira vez, ele tem fama de ser susceptível.

— Garanto-lhe, meu Senhor, que o Dawlish se mostrou bastante convicto — insistiu Yaxley.

— Se foi Confundido, outra coisa não seria de esperar — retorquiu Snape. — Garanto-te a *ti*, Yaxley, que o Departamento dos Aurors não desempenhará qualquer papel adicional na protecção do Harry Potter. A Ordem está convencida de que nos infiltrámos no Ministério.

— Pelo menos nisso acertaram, não foi? — comentou um homem atarracado sentado a curta distância de Yaxley, soltando

uma gargalhada ofegante que foi secundada aqui e ali ao longo da mesa.

Voldemort não se riu. O seu olhar desviara-se para o alto, para o corpo que girava lentamente por cima da sua cabeça, e parecia perdido em pensamentos.

— Meu Senhor — continuou Yaxley —, o Dawlish acredita que uma equipa inteira de Aurors vai ser utilizada na transferência do rapaz...

Voldemort ergueu uma mão grande e lívida, e Yaxley calou-se de imediato, ficando a ver, melindrado, a atenção de Voldemort a concentrar-se novamente em Snape.

— E onde é que eles vão esconder o rapaz depois?

— Em casa de um dos membros da Ordem — afirmou Snape. — O local, de acordo com a fonte, foi protegido de todas as formas possíveis ao alcance da Ordem e do Ministério. Julgo que, depois de ele lá estar, nos será praticamente impossível atingi-lo, meu Senhor, a menos que, é claro, o Ministério caia até sábado, o que talvez nos desse oportunidade de desfazer encantamentos suficientes para conseguirmos ultrapassar os restantes.

— E então, Yaxley? — Voldemort chamou-o da cabeceira da mesa, a luz da lareira cintilando estranhamente nos seus olhos vermelhos. — Será que no próximo sábado o Ministério já terá caído?

Mais uma vez, todas as cabeças se viraram. Yaxley endireitou os ombros.

— Meu Senhor, tenho boas notícias a esse respeito. Eu... com dificuldade e grande esforço... consegui lançar a Maldição Imperius sobre o Pius Thicknesse.

Muitos dos que se achavam sentados em redor de Yaxley se mostraram impressionados; o seu vizinho, Dolohov, um homem com um rosto comprido e contorcido, assestou-lhe uma palmada nas costas.

— Já é um começo — reconheceu Voldemort. — Mas o Thicknesse é apenas um homem. Antes de eu agir, o Scrimgeour tem de estar rodeado de gente nossa. Um atentado frustrado contra a vida do Ministro obrigar-me-ia a um grande retrocesso.

— Sim... meu Senhor, isso é verdade... mas sabe, enquanto Chefe do Departamento de Execução da Lei Mágica, o Thicknesse tem contactos regulares não apenas com o próprio Ministro, como também com os chefes de todos os outros departamentos do Ministério. Estou convencido de que, agora que temos um

funcionário de alta patente sob o nosso poder, nos será fácil subjugarmos outros, e depois eles podem unir-se para derrubar o Scrimgeour.

— Desde que o nosso amigo Thicknesse não seja desmascarado antes de convertermos os restantes — acrescentou Voldemort. — Seja como for, é pouco provável que o Ministério seja meu antes do próximo sábado. Se não conseguirmos atingir o rapaz no seu destino, então teremos de fazê-lo durante o trajecto.

— Aí, estamos em vantagem, meu Senhor — disse Yaxley, que parecia determinado a receber aprovação, por pouca que fosse. — Neste momento, temos várias pessoas colocadas no Departamento de Transporte Mágico. Se o Potter Aparecer ou usar a Rede de Pó de Floo, seremos de imediato informados.

— Ele não fará nada disso — observou Snape. — A Ordem vai evitar qualquer forma de transporte que seja controlada ou regulada pelo Ministério; eles desconfiam de tudo o que tenha que ver com esse sítio.

— Tanto melhor — disse Voldemort. — Ele vai ter de sair às claras. Será de longe mais fácil de apanhar.

Mais uma vez, Voldemort ergueu o olhar para o corpo que girava lentamente, enquanto prosseguia: — Eu encarregar-me-ei pessoalmente do rapaz. Têm ocorrido demasiados erros no que ao Harry Potter diz respeito. Alguns, tenho de reconhecer que foram cometidos por mim próprio. O facto de o Potter ainda estar vivo deve-se mais aos meus erros que às suas vitórias.

O grupo reunido à mesa observou Voldemort com expressões apreensivas, todos eles receosos de lhes poderem ser assacadas culpas pela existência prolongada de Harry Potter. Voldemort, porém, parecia estar a falar mais para si próprio que com qualquer deles, continuando a dirigir-se ao corpo inconsciente pendurado acima dele.

— Dada a minha negligência, tenho sido contrariado pela sorte e pela fortuna, que só não arruinam os planos mais bem concebidos. Mas agora sei mais do que sabia antes. Compreendo coisas que antes não compreendia. Cabe-me a mim matar o Harry Potter, e assim será.

Perante estas palavras, aparentemente em sinal de resposta, ouviu-se um súbito lamento, um grito prolongado de angústia e sofrimento. Muitos dos que estavam à mesa baixaram os olhos, assustados, pois o gemido parecia provir de debaixo dos seus pés.

— Wormtail — disse Voldemort, sem a mais pequena alteração ao seu tom de voz calmo e pensativo e sem desviar os olhos

do corpo que girava pendurado do tecto —, não te avisei para manteres o nosso prisioneiro sossegado?

— Sim, m-meu Senhor — arquejou um homem de baixa estatura a meio comprimento da mesa, que estivera tão enfiado na cadeira que, à primeira vista, esta parecia desocupada. Agora levantava-se atabalhoadamente e saía disparado da sala, deixando atrás de si apenas um curioso brilho prateado.

— Tal como eu estava a dizer — continuou Voldemort, deitando novo olhar às expressões tensas dos seus sequazes —, agora compreendo melhor. Por exemplo, antes de ir matar o Potter, vou precisar de pedir uma varinha emprestada a um de vocês.

Os rostos à sua volta limitaram-se a revelar choque; até parecia que ele anunciara que lhes queria pedir um braço emprestado.

— Não há voluntários? — inquiriu Voldemort. — Vejamos... Lucius, não vejo motivo para que continues a ter varinha.

Lucius Malfoy ergueu o olhar. À luz da lareira, a sua pele tinha um aspecto ceráceo e amarelado, e os olhos achavam-se encovados e olheirentos. Quando falou, foi com voz rouca.

— Meu Senhor?

— A tua varinha, Lucius. Exijo-te que me entregues a tua varinha.

— Eu...

Malfoy deitou uma olhadela de viés à mulher. Esta olhava fixamente em frente, quase tão pálida como o marido, com o cabelo louro comprido a cair-lhe pelas costas; contudo, por baixo da mesa, os seus dedos esguios apertaram-lhe momentaneamente o pulso. Ao sentir o toque dela, Malfoy enfiou a mão dentro do manto, retirou a varinha e passou-a a Voldemort, que a empunhou diante dos seus olhos vermelhos e a examinou atentamente.

— De que madeira é feita?

— De ulmeiro, meu Senhor — respondeu Malfoy num susurro abafado.

— E o núcleo?

— De dragão... tendão de coração de dragão.

— Ótimo — congratulou-se Voldemort. Puxou da sua própria varinha e comparou o comprimento de ambas.

Lucius Malfoy fez um movimento involuntário; por uma fracção de segundo, deu a impressão de estar à espera de receber a varinha de Voldemort em troca da sua. O gesto não passou despercebido ao amo, cujos olhos se arregalaram maliciosamente.

— Dar-te a minha varinha, Lucius? A minha própria varinha? Entre os presentes, ouviram-se alguns risos abafados.

— Eu concedi-te a liberdade, Lucius, será que isso não é suficiente? Mas tenho reparado que ultimamente tu e a tua família não andam nada satisfeitos... O que é que na minha presença em tua casa te desagrada, Lucius?

— Nada... nada, meu Senhor!

— Mentiras para quê, Lucius?

A voz baixa parecia continuar a sibilar mesmo depois de os lábios cruéis terem deixado de se mexer. Um ou outro dos feiticeiros reprimiu a custo um arrepio à medida que o silvo aumentava de intensidade; alguma coisa pesada vinha a deslizar pelo chão por baixo da mesa.

A enorme serpente surgiu e rastejou lentamente para a cadeira de Voldemort. Ergueu-se, aparentemente sem fim, e instalou-se sobre os ombros do dono; o pescoço era da grossura da coxa de um homem; os olhos, com fissuras verticais a fazer de pupilas, mantinham-se imóveis. Voldemort acariciou a criatura abstratamente com os dedos compridos e finos, sem desviar o olhar de Lucius Malfoy.

— Por que razão os Malfoy se mostram tão descontentes com a sua sina? Não será o meu regresso, a minha ascensão ao poder, precisamente o desejo que manifestaram durante tantos anos?

— Com certeza, meu Senhor — asseverou Lucius Malfoy. A mão tremeu-lhe ao limpar a transpiração do lábio inferior. — Foi de facto esse o nosso desejo... e continua a ser.

À esquerda de Malfoy, a mulher esboçou um assentimento de cabeça estranho e rígido, sem olhar para Voldemort e para a serpente. À sua direita, Draco, o filho, que estivera a fitar o corpo inerte por cima da sua cabeça, deitou uma olhadela a Voldemort, mas de imediato afastou o olhar, receoso do contacto visual.

— Meu Senhor — interveio uma mulher morena sentada a meio comprimento da mesa, a voz embargada de emoção —, é uma honra tê-lo aqui, em casa da nossa família. Não poderia ser-nos concedido maior prazer.

Estava sentada ao lado da irmã, tão diferente dela em aparência, com o seu cabelo escuro e pálpebras pesadas, como era em atitude e porte; enquanto Narcissa se achava sentada com ar rígido e impávido, Bellatrix debruçava-se na direcção de Voldemort, pois meras palavras eram insuficientes para demonstrar a sua ânsia de proximidade.

— Não poderia ser-nos concedido maior prazer — ecoou Voldemort, com a cabeça ligeiramente inclinada para um dos lados enquanto observava Bellatrix. — Isso significa muito, vindo de ti, Bellatrix.

O rubor subiu-lhe ao rosto e os seus olhos inundaram-se com lágrimas de alegria.

— O meu Senhor sabe que eu me limito a dizer a verdade!

— Não poderia ser-nos concedido maior prazer... mesmo se comparado com o feliz acontecimento que, segundo me chegou aos ouvidos, ocorreu na vossa família este fim-de-semana?

Ela ficou a olhar para ele, os lábios entreabertos, obviamente perplexa.

— Não sei ao que se refere, meu Senhor.

— Estou a falar da tua sobrinha, Bellatrix. E da vossa, Lucius e Narcissa. Ela acabou de se casar com aquele lobisomem, o Remus Lupin. Devem estar orgulhosíssimos.

Em volta da mesa, deu-se uma explosão de gargalhadas de troça. Muitos inclinaram-se para a frente para trocarem olhares de satisfação; outros bateram na mesa com os punhos fechados. A grande serpente, descontente com a algazarra, abriu muito a boca e silvou, zangada, mas os Devoradores da Morte não a ouviram, tal era o seu regozijo perante a humilhação dos Malfoy. O rosto de Bellatrix, que havia ainda pouco se achava ruborizado de alegria, cobriu-se de feias manchas vermelhas.

— Ela não é nossa sobrinha, meu Senhor — gritou acima da erupção de hilaridade. — Nós... eu e a Narcissa... nunca mais pusemos a vista em cima da nossa irmã desde que ela se casou com o Sangue de Lama. Essa fedelha não tem nada que ver com nenhuma de nós, e muito menos aquela criatura com quem ela se foi casar.

— Então e tu, Draco? — interrogou-o Voldemort, e, embora a sua voz fosse baixa, sobrepunha-se nitidamente aos apupos e à chacota. — Já te ofereceste para tomar conta das crias?

As gargalhadas subiram de tom; Draco Malfoy lançou um olhar aterrorizado ao pai, que estava de olhos fixos no colo, e em seguida dirigiu a sua atenção para a mãe. Esta abanou a cabeça de forma quase imperceptível, mas logo tornou a fixar o olhar impávido na parede diante de si.

— Já chega — declarou Voldemort, afagando a serpente zangada. — Basta.

E as gargalhadas foram de imediato silenciadas.

— É frequente algumas das árvores genealógicas mais antigas degenerarem um pouco com o tempo — afirmou, e Bellatrix fitou-o, de respiração suspensa e ar suplicante. — De quando em vez, temos de podá-las, não é verdade? Cortar os galhos que ameaçam a saúde dos restantes.

— Sem dúvida, meu Senhor — assentiu Bellatrix num murmúrio, e os seus olhos banharam-se novamente de lágrimas de gratidão. — Logo que surja a oportunidade!

— Que surgirá, seguramente — declarou Voldemort. — Tanto na tua família, como no mundo... Haveremos de extirpar os fungos que nos infectam até que apenas restem aqueles que possuem sangue genuinamente puro...

Voldemort empunhou a varinha de Lucius Malfoy, apontou-a directamente ao corpo que girava lentamente suspenso por cima da mesa e agitou-a ligeiramente. Este recuperou a consciência com um gemido e começou a debater-se contra cordas invisíveis.

— Estás a reconhecer a nossa convidada, Severus? — perguntou-lhe Voldemort.

Snape ergueu os olhos para o rosto virado ao contrário. Agora todos os Devoradores da Morte estavam de olhos postos na prisioneira, como se lhes tivesse sido dada autorização para revelarem curiosidade. No momento em que se virava de frente para a lareira, a mulher disse, em voz entrecortada de terror: — Severus! Ajude-me!

— Ah, é claro — anuiu Snape, enquanto a prisioneira continuava a girar lentamente.

— E tu, Draco? — indagou Voldemort, acariciando o focinho da serpente com a mão que tinha livre. Draco sacudiu a cabeça abruptamente. Agora que a mulher viera a si, parecia faltar-lhe a coragem para continuar a olhar para ela.

— Mas tu não terias aulas com ela — disse Voldemort. — Para aqueles de entre vocês que não sabem, contamos esta noite com a presença de Charity Burbage, que, até recentemente, deu aulas na Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts.

Ouviram-se leves murmúrios de compreensão em volta da mesa. Uma mulher avantajada, bastante curvada e de dentes aguçados soltou uma casquinada.

— É verdade... a Professora Burbage ensinou aos filhos dos feiticeiros tudo a respeito dos Muggles... que eles não são assim tão diferentes de nós quanto se possa pensar...

Um dos Devoradores da Morte cuspiu para o chão. Charity Burbage tornou a ficar virada de frente para Snape.

— Severus... por favor... por favor...

— Silêncio — ordenou Voldemort dando outro safanão com a varinha de Malfoy, e Charity calou-se como se a tivessem amordaçado. — Não contente com corromper e poluir as mentes das crianças feiticeiras, na semana passada a Professora Burbage escreveu uma apologia apaixonada dos Sangues de Lama n' *O Profeta Diário*. Os feiticeiros, advoga ela, devem aceitar estes ladrões dos seus conhecimentos e magia. A degeneração dos puros-sangues, é, na opinião da Professora Burbage, uma circunstância altamente desejável... Por vontade dela, todos nós acasalaríamos com Muggles... ou, sem dúvida, com lobisomens...

Desta feita, ninguém se riu: a indignação e o desprezo na voz de Voldemort eram indisfarçáveis. Pela terceira vez, Charity Burbage ficou voltada para Snape. As lágrimas caíam-lhe em abundância e molhavam-lhe o cabelo. Snape devolveu-lhe o olhar, perfeitamente impassível, enquanto ela se tornava a afastar lentamente dele.

— *Avada Kedavra*.

O raio de luz verde iluminou por completo a sala. Com um estrondo retumbante, Charity tombou sobre a mesa, que estremeceu e rangeu. Vários Devoradores da Morte deram um pulo nas cadeiras. Draco caiu da sua e estatelou-se no chão.

— Hora do jantar, *Nagini* — disse Voldemort em voz melíflua, e a grande serpente deslizou dos seus ombros para o tampo de madeira polida.